



boletim CDOC

EDITORIAL...

A ideia de um Boletim do Centro de Documentação do Museu nasceu da cumplicidade entre três colegas: Helga Seródio (fototeca), Lúcia Laginha (Centro de Documentação) e Luís Monteiro Pereira (Hemeroteca). Cada um foi convidado a escrever sobre aquilo que compreendia melhor e, nesse sentido, este Boletim era e é um pouco de cada um de nós, elementos da pequena-grande família que é o Museu. Lamentavelmente, esta família está mais pobre com a partida do Luís. Contudo, uma das formas que temos de honrar aqueles que já não estão connosco é continuar a sua obra. Assim, continuaremos a escrever sobre a nossa hemeroteca e, sem o equiparar, daremos continuidade ao trabalho do Luís. De certo, seria esse o seu desejo e desta forma ele continuará presente nas nossas vidas. Até sempre amigo e colega Luís.

ESCOLHEMOS PARA SI...

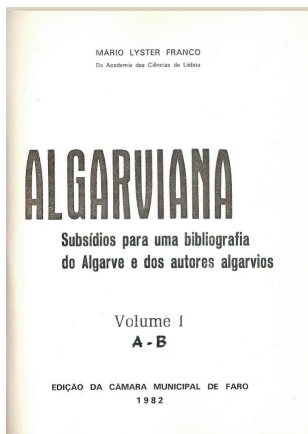
...NO CENTRO DOCUMENTAÇÃO

ALGARVIANA

UMA OBRA-PRIMA DA CULTURA ALGARVIA

Motivado por um acentuado sentimento regionalista, Mário Lyster Franco (Faro, 1902 - Lisboa, 1984) dedicou grande parte da sua vida a enaltecer as gentes, as paisagens e a cultura do Algarve. Um dos meios que privilegiou para expressar aquilo a que chamou "algarviismo" foi a escrita, legando à posteridade um vasto conjunto de obras dedicadas à história e à cultura locais e regionais, assim como um sem número de artigos dispersos pela imprensa sobre a mesma temática. Dos muitos estudos e trabalhos literários da sua autoria, alguns deles resultantes de conferências e palestras proferidas um pouco por todo o país, destacam-se: *O Algarve* (1927, redigido para a Exposição de Sevilha); *Guia-Álbum - I - Sotavento* (1932); *Na Romagem de Sagres* (1937); *Porque me orgulho de ser algarvio* (1942); *As ruínas romanas do Milreu* (1942); *As termas romanas de Monchique* (1945); *A pesca do atum na costa do Algarve: achegas para a sua história* (1947); *Breve notícia da presença dos judeus no Algarve* (1978) e *Algarviana* (1982). "Fruto de muitas dezenas de anos de trabalho", segundo o autor, a *Algarviana: subsídios para uma bibliografia do Algarve e dos autores algarvios (Volume I A-B)* é considerada a obra de consagração do mesmo. Organizada alfabeticamente, possui um carácter enciclopédico e nela podemos encontrar, muitas vezes em

conjunto com a respetiva ilustração, resenhas biográficas das personalidades mais célebres do Algarve, assim como informações bibliográficas de teses, folhetos, separatas, relatórios, estatutos, manuscritos e livros sobre temáticas algarvias. A singularidade desta obra reside na raridade e antiguidade dos documentos indexados por Lyster Franco, alguns deles cuja existência seria totalmente desconhecida nos dias de hoje não fosse a *Algarviana*. De salientar também as dificuldades sentidas na sua elaboração, tanto mais numa época em que não existiam outras obras similares, nem os meios atuais para levar a cabo trabalhos de investigação. Assim, Mário Lyster Franco, apresenta a *Algarviana* como "[...]fruto exclusivo da actividade própria realizada sem qualquer subsídio ou auxílio, sem possibilidades de frequentes deslocações à Capital e fruto apenas de elementos por si colhidos em consultas a milhares de livros e catálogos, de que possuía nas suas próprias estantes [...]", confessando-se depois desanimado com os sucessivos entraves à publicação deste estudo. De facto, a obra só foi editada em 1982, numa altura em que o seu autor já se encontrava bastante debilitado, mas que ainda reuniu forças para viver com enorme euforia a publicação do primeiro volume (o único publicado até à atualidade) daquela que foi a obra da sua vida: *Algarviana*.



CDoc
391 p.
22 x 17 cm

...NA HEMEROTECA

O CORREIO DO SUL, UM SEMANÁRIO REGIONALISTA

Embora a partir de 1946 se tivesse assumido como um órgão afeto ao Estado Novo, o *Correio do Sul*, fundado em 1920, surgiu da iniciativa dos sambrasenses Bernardo de Passos e José Dias Sancho, apresentando-se na sua origem como um órgão republicano ligado ao partido democrático. Contudo, independentemente da conotação política, o *Correio do Sul* primou sempre por ser um periódico regionalista, daí a designação inicial de "Semanário Independente de Informação e Propaganda do Algarve", alterada em 1945 para "Diário Regionalista da Manhã" e, finalmente, para "Semanário Regionalista" em 1946. Alternando entre uma periodicidade semanal, bissemanal e diária, optou definitivamente, em 1946, pela publicação semanal aos domingos. Com redação e administração em Faro, fixou-se definitivamente na Travessa da Conceição, em 1971. Pela sua direção passaram alguns dos algarvios mais distintos como Bernardo de Passos, António Santos, Alberto Monteiro, Álvaro Lemos, Antero Nobre e Mário Lyster Franco. Ao longo da sua existência, o *Correio do Sul*, extinto em 1981, deu estampa a importantes artigos e trabalhos de investigação histórico-cultural sobre o Algarve, pois no mesmo colaboraram inúmeros intelectuais algarvios, de entre os quais: Julião Quintinha, Cândido Guerreiro,

Emiliano Costa, Marcos Algarve, Mário Lyster Franco, Júlio Dantas, José Formosinho, Joaquim Magalhães, José Guerreiro Murta, José António Pinheiro e Rosa, Alberto Iria, José António Madeira, José Pedro Machado, Manuel Gomes Guerreiro, Manuel Viegas Guerreiro, Cândido Marrecas, Joaquim António Nunes, Pedro de Freitas, entre tantos outros. A colaboração de todos estes estudiosos faz do *Correio do Sul* uma valiosa fonte de informação sobre o Algarve nas mais diversas áreas temáticas: História, Arqueologia, Etnografia, Arte, Literatura, Turismo...

Na nossa hemeroteca possuímos dois volumes encadernados do *Correio do Sul* (ambos incompletos): o primeiro, reúne os números publicados entre 1973-1976 e, o segundo, os números publicados entre 1977 e 1981. Nestes jornais encontramos algumas seções regulares que atestam o caráter histórico-cultural, literário, noticioso e regionalista deste semanário, entre as quais: "Toponímia e história" (pelo Padre José Cabrita), "Terras algarvias em textos anteriores a 1460" (por José Pedro Machado) e "Quarteira à vista" (por Quarteirense). Para além destas, salientam-se ainda diversos artigos esporádicos sobre o Turismo, a Universidade do Algarve e outros assuntos do foro regional, existindo uma constante preocupação com o acesso à cultura e às instituições que a promovem, como se evidencia nos seguintes artigos: "Os nossos museus" (n.º 2953, 26 de Fevereiro de 1977) e "Os Museus de Lisboa" (n.º 3038, 28 Junho 1979), J. Piedade Júnior; "Para um grande Museu no Algarve" (n.º 2982, 7 de Abril 1977) e "Em defesa da cultura" (n.º 2994, 29 de Setembro de 1977), Joaquim António Nunes, entre muitos outros.

Por fim, dada a proximidade com a época natalícia, e pretendendo afirmar, uma vez mais, o *Correio do Sul* como um jornal do Algarve, transcrevemos parte de um artigo intitulado "Natal Algarvio", da autoria de Mário Lyster Franco, publicado em 24 de Dezembro de 1981:

"O Natal é a festa da lareira, do cepo que arde pela noite adiante - quanto maior, maior será a seara - enquanto lá fora a neve ou a própria chuva traçam filigranados nas vidraças. É, numa palavra, a festa do calor humano. É, a festa dos que estão em casa e o Algarvio é dispersivo, adora andar na rua...

E posto que não falte, melhor ou pior, em quase todos os lares a ceia própria, com os seus belos olores do lombo ou da linguiça assada e da carne de porco com amêijoas, os pratos acogulados de doirados fritos, por vezes escorrendo o não menos doirado mel, as filhós, os bolinhóis, as empanadilhas de batata doce, as bolotas, as amêndoas, os figos, os pinhões, dificilmente se aguenta o calor do fogo conjugado com o calor interior da "medronheira", apetece mais o ir cantar para a rua e não propriamente um Filho Pródigo que, fiel à história e obediente à lenda, nessa noite regresse ao lar... [...]

Também por cá se cantam as "janeiras", mas é principalmente nas "charolas" que o Natal algarvio encontra o seu apontamento coreográfico e musical.

Vão os grupos de monte em monte, às vezes por alguns quilómetros em redor, cantando de sítio em sítio e principalmente em frente às casas que já sabem ou presumem que recebem bem e em que se sabe que está o Menino "armado" em seu trono, no qual os princípios decorativos são principalmente as clássicas flores de papel, as laranjas bem amadurecidas e as bem formadas "cabeleiras" e em que a própria imagem divina em figurações diferentes se repete, desde o pequeno presépio no primeiro plano, à altura dos olhos, e depois uma, duas, três vezes, tantas quantas haja em casa, em sucessivos degraus até ao tecto."



...NA FOTOTECA

Apresentamos nesta edição um conjunto de cinquenta e seis negativos de vidro e acetato em formato 6x9, datados de 1939, respeitantes a diversos aspetos de Loulé na década de 30.

Este conjunto resulta de um levantamento fotográfico encomendado pelo então Presidente da Câmara, José da Costa Guerreiro, ao fotógrafo David de Freitas para ilustrar o *Relatório de Gerência de 1939* e *Plano de Atividades para 1940*. Este documento, editado pela Câmara Municipal de Loulé, dá conta das verbas despendidas em melhoramentos no nosso concelho e apresenta o orçamento para investimentos projetados para o ano seguinte.

Folheando as suas páginas, encontramos uma dedicatória ao Ilustre louletano Duarte Pacheco, então Ministro das Obras Públicas e Comunicações, evocando "que tão brilhantemente gere a pasta das grandes realizações Nacionais, no limar dos Centenários da Fundação e Restauração de Portugal". Na página seguinte encontramos outra dedicatória: ao Governador Civil do Distrito de Faro, Major Armando Monteiro Leite; ao Engenheiro Joaquim Barata Correia; e ao médico Dr. José Bernardo Lopes - "três dos mais notáveis colaboradores da acção da Câmara Municipal de Loulé".

O autor destes registos - David de Freitas (1902-1990) - era natural de Loulé e irmão de Pedro de Freitas. Deste sabemos que "A sua prática de fotógrafo amador intensifica-se a partir de 1934, em Faro, possuindo uma câmara escura em casa, onde faz diversos trabalhos de reportagem. (...) Profissionalizou-se em 1946, após a reforma do exército e vai dirigir, a convite de António Nazareth, a Fotografia Nazareth, em Évora, passando a

ser proprietário da mesma em 1958." Dedicou-se à foto-reportagem, fazendo parte da sua coleção aspetos de cidades e concelhos, levantamentos de obras municipais e registos de atividades sociais (retratos de família, festas, feiras, entre outras).

Este conjunto retrata aspetos das repartições municipais, tribunal, arquivo municipal, cemitério municipal, escolas, quartel dos bombeiros, infraestruturas municipais (fossas sépticas, depósito de água, fontes e lavadouros, central elétrica, arruamentos), alargando-se às freguesias e às suas paisagens.

Estes negativos, cuja informação se reveste de grande importância para o conhecimento de Loulé nas primeiras décadas do século passado, foram convertidos para positivo setenta anos depois, em 2009, graças às novas tecnologias ao serviço da Fototeca do Museu Municipal de Loulé. Fica o convite para conhecer de perto esta coleção que poderá ser vista na Sala Polivalente do Museu Municipal de Loulé até 29 de Fevereiro de 2016.



Arquivo Municipal



Paços do Concelho



DIVISÃO DE CULTURA E PATRIMÓNIO

CDOC@CM-LOULE.PT / 289 41 45 36

SEG A SEX: 09H30-12H30 * 14H30-17H00



BOAS FESTAS



loulé
concelho